

*Querer dizer
o indizível.*

SELMA FUKAI

Curadoria
Marcelo Salles

A arte comunica algo. Ao concordar com isso, aceitamos que, portanto, ela se comporta como linguagem. Uma linguagem peculiar, claro, afinal ela não é uma ordem, um aviso ou uma explicação. O que ela comunica não é direto; o que a arte nos diz não pode ser dito por outros meios. Ela nos fala daquilo que é *indizível*, daquilo que ninguém perguntou e que só é possível perguntarmos para nós mesmos. Artistas fazem estas auto perguntas constantemente lidando com aquilo que não deve, não consegue ser dito pois escapam ao estabelecido, ao senso comum, através de questionamentos pensados e depois materializados. *Indizível tem a ver com um desejo nunca satisfeito que nos faz correr...*¹

...

Selma Fukai apresenta, nesta sua primeira individual em São Paulo, cerâmicas e pinturas em pequeno formato. Penso que esta é uma característica que merece ser destacada (o porquê veremos adiante), ainda que suas instalações tenham uma relação espacial que pareça negar isto, devemos atentar que elas sempre são formadas por pequenas peças que se juntam ou se espalham ativando o espaço em torno. Outra é a estreita relação entre o que é bidimensional e o que é tridimensional, algo que está presente desde o início de sua produção autoral. Neste ponto, a questão “autoral”, é o terceiro destaque que gostaria de elencar. Então, comecemos por ela. Usualmente, ceramistas, como Fukai, desenvolvem um trabalho onde suas criações são utilitárias (pratos, xícaras, cumbucas), ou seja, tem uma função definida e não são peças únicas, antes envolvem uma quantidade de exemplares que identificam seu uso (um serviço de

jantar ou jogo de chá, por exemplo). Essa linha utilitária as vezes convive com um trabalho mais voltado a peças únicas onde a noção de autoria é mais adequada ao sistema de arte contemporânea. Para alguns ceramistas isto pode ser conflituoso, como é o caso de Fukai (que também desenvolve o ensino da técnica); neste ponto de sua carreira ela resolveu enfrentar esta questão com uma abordagem tipicamente contemporânea, misturando ou cruzando conceitos como utilitarismo, mercado e estética relacional através de uma instalação onde o público pode levar, sob determinadas condições, pequenos copos ou “shots” mediante uma troca onde deve ser deixada uma informação que assume o lugar do objeto. As outras características, bidimensional x tridimensional e escala diminuta, estão presentes nas pinturas e peças cerâmicas; e aquelas assumem uma liberdade espacial coerente com as peças, talvez evidenciando uma maior intimidade da artista com a linguagem e a técnica arcaica. Todavia, isto não é um demérito para as pinturas; ambas logram uma identificação muito próxima, com cores e formas que migram de um para outro suporte, mas as pinturas apresentam uma espécie de progressão como condição constituinte, motivo pelo qual são apresentadas em conjuntos ou polípticos que evidenciam isto sem que seja subtraída sua individualidade.

...

Juntando aspectos constitutivos das linguagens da pintura e da cerâmica, à saber, cores e formas e modelagem, respectivamente, Fukai estabelece uma conexão ancestral com o aspecto silencioso e meditativo destas atividades. As cores rebaixadas e com paleta reduzida, as formas modeladas em peças que guardam a escala da mão que as moldaram, o agrupamento de peças que tornam o pequeno relevante em relação ao espaço, uma sensação de leveza ou flutuação que parece permear tanto as pinturas como as peças cerâmicas; e ainda junte-se um questionamento, quase provocação, na instalação que requer uma participação efetiva, física e mental, do público e temos uma artista que estabelece seu ritmo na “corrida” para alcançar aquilo que deseja comunicar com sua arte.

Marcelo Salles

¹ Molder, Maria Filomena, in Cerimônias / “o terceiro incluído”, pg. 149 – Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2017.